

## ANÁLISE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Arthur José Almeida Diniz \*

A obra de FREUD, isto é, o desenvolvimento de suas magníficas intuições, tem por objetivo demonstrar os limites que a civilização impõe ao homem como indivíduo e diagnosticar a repressão à libido do indivíduo.

Pois este homem, liberto, livre, solto, alforriado da escravidão, constituirá certamente um perigo para a vida do grupo, para a sobrevivência do clã e seguramente ameaça à liderança do chefe.

As palavras-chave de sua obra, após longa peregrinação pelas descrições da natureza humana nas mais variadas circunstâncias, podem ser resumidas em poucas, tais como: *sexo, poder, repressão, regressão*.

Toda a trama de nossa história, conseqüentemente a da história da filosofia, pode ser analisada a partir desses fios, de cores e tonalidades diversas, a imensa tapeçaria, maior do que a famosa tapeçaria da Rainha Mathilde. Nela os fastos são descritos com minúcia.

Freud, durante sua vida, não teve tempo de abordar outro continente – o continente do sagrado e da palingenésia, isto é, a transcendência da alma humana – mas chegou bem perto. E deixou-nos indicações seguras para futuras incursões.

De momento, pela oportunidade, detenhamo-nos na análise do significado de repressão.

É um termo latino *repressione*. O dicionário Saraiva, no verbete *reprimio*, decompõe a palavra em *re* e *premo* (*premere*, fazer pressão, pesar sobre, apertar, comprimir, fechar, cerrar apertando) e a partícula *re*, inseparável, possui o senti-

---

\* Professor Titular de Direito Internacional Público da UFMG.

do, entre outros, (de retrocesso, resposta) de renovação, reduplicação que se aplica ao tema.

O Aurélio define assim a palavra no sentido 3: "Psicologia: mecanismo de defesa mediante o qual os sentimentos, as lembranças dolorosas ou os *impulsos desacordes com o meio social* (grifei) são mantidos fora do campo da consciência."

A edição do Aurélio é a de 1975. Algumas palavras têm sua definição modificada. Não é o nosso caso. G. ORWELL, em 1984 descreve o dicionário atualizado diariamente.

LE PETIT ROBERT define: "*répression d'un sentiment*" como datando de 1372. No significado de psicologia, oferece outra definição: "rejet conscient ou volontaire d'une motivation (*le refoulement [recalque] est involontaire*)", (grifei): assim, rejeição consciente ou voluntária de uma motivação (o recalque é involuntário).

Repressão traduz uma recusa, uma rejeição. Tanto faz se consciente ou inconsciente.

O que nos interessa é a idéia desse processo de *re primir*, de *re jeitar* (do latim *re jectare*, lançar fora).

O significado de palavras, ou de uma palavra, constitui a chave para interpretar-se (ou interpenetrar-se) o sentido da vida social, da vida como unidade, da vida política.

Todo o trabalho da psicanálise, a ciência estruturada por Freud, resume-se na busca de palavras que nos façam VER e, como consequência, LIBERTEM-nos dos traumas, dos recalques (em francês *refoulement* e em alemão *Verdrängung*).

O processo psicanalítico apoia-se na fala. Palavra é algo importante.

Os gregos antigos a tinham em alta estima, o Logos.

O Evangelho de São João, I, 1, preservou a iniciação profética, iluminada: "*In*

*principio erat Verbum.*”

A tradição, fonte do Cristianismo consagrada nas Escrituras, não foi adulterada, após milênios de tentativas de se alterar uma realidade mais forte que a morte.

No princípio era o Verbo. Vivemos da Palavra, pela Palavra.

Toda a força da tradição judaica, a fonte secreta de sua cultura multimilenar, reside na força da Cabala, isto é, a transmissão da Palavra.

FREUD, formado pela cultura judaica, mas não tão tranqüilo assim com a milenar cultura judaica, inicia uma exegese da Palavra, do Verbo.

Ajuntou pacientemente os fragmentos do discurso civilizado enlouquecido. Por efeito de suas intuições geniais fomos introduzidos em outro patamar do agir humano.

Descrevendo o mistério interior do Homem, embora não podendo ser visto, como o Deus que Moisés não podia contemplar sem perder a vida, descobriu de modo tangível, verdadeiro, real, um novo continente: a psiquê humana. Esta foi teimosamente ignorada pela ciência materialista do século XIX.

A manifestação visível desse universo interior, desse mundo misterioso, torna-se patente, revela-se na epifania da Palavra.

GOETHE, ao tentar descrever a loucura de FAUSTO, vai mostrá-lo adulterando o início do Evangelho de São João. Fausto sonha com um aspecto menor da realização humana: a ação.

E, por inspiração satânica, vai escrever “No princípio era a Ação” – genial percepção do poeta do nosso universo faustiano. Queremos que a ação esteja no coração do mundo tecnológico, material. Estamos ébrios por efeito de conquistas enganadoras.

Esquecemo-nos de que, agindo, já estamos sob a influência da Palavra – seja

esta compreendida por idéia, projeto, visão, teoria, cálculo ou pesquisa.

A argúcia mefistofélica foi a de não ter mentido para Fausto sobre a verdadeira fonte de seu poder: não na ação, mas no fascínio da palavra, fruto do pensamento e do enfeitiçamento.

O discurso de MEFISTÓFELES ao jovem estudante oculta habilmente o poder da palavra, ao mesmo tempo em que é uma peça genial de oratória.

E, como bom diabo, lembra ao jovem que “a árvore preciosa da vida é florida”.

O estudante pede a MEFISTÓFELES que escreva algo em seu Caderno de Recordações. Na Alemanha, o *Buch des Freundes*, velha tradição, corresponde aos nossos caçadores de autógrafos de hoje.

MEFISTÓFELES escreve, matreiramente, o conselho seguido por nós até hoje: “*Eritis sic Deus, bonum et malum scientes*”.

Uma verificação caricatural desse conselho vem sido posta em prática até hoje, após o Holocausto e a tragédia atômica em Hiroshima e Nagasaki. Tanto a polícia secreta de Moscou quanto a CIA tinham o dom infuso do saber, divisar o bem e o mal.

Resultados práticos dessa presunção diabólica podem ser vistos nos milhões de vítimas do stalinismo, no genocídio no Cambódia, os assassinatos no Chile, cometidos a conselho do sabichão HENRY KISSINGER, um criminoso de guerra ainda impune.

O Islão também inaugurou seu inferno: a guerra entre o Irã e o Iraque, o auto-extermínio do povo iraniano são a prova eloqüente dessa diabólica certeza de conhecer o bem e o mal. Conseguem extirpar o joio sem deixar um grão de trigo!

Mas já lá vamos longe de FREUD, da palavra e da psicológica! Nem tanto assim. Sem a leitura de FREUD, sem a análise, sem a psicanálise, jamais poderíamos compreender nosso presente esquizofrênico.

Sem atentarmos para os mecanismos repressivos gerados pela nossa civilização atual, seria impossível analisar a irracionalidade político-econômica do presente. Pela análise das palavras, estaremos exorcizando, isto é, pelo uso sábio de palavras. Como FAUSTO, ao final da tragédia, liberta-se do pacto demoníaco. O objetivo de nosso charlar estriba-se na necessidade da transparência. A conversa conserva, torna-nos atentos, lúcidos.

A terapia psicanalítica efetua a cura do paciente mediante série de entrevistas deste com o analista. Alguém que o escuta. Velhíssimo diálogo fértil olvidado pela humanidade. Aí reside a diferença essencial entre SÓCRATES e os sofistas. Estes falavam para o Outro. SÓCRATES fala com o Outro, sabe ouvi-lo, parteja suas idéias, viajando juntos, solidários.

Quais os medicamentos, poções? Nenhum. O único ato que o paciente deve praticar é o de falar. Pela fala, pela análise da fala, isto é, pelo uso da palavra, ele recupera seu equilíbrio emocional, libertando-se da angústia e exorcizando os fantasmas interiores. Tal é o poder da palavra, da fala, que FREUD inaugura de modo genial. Mas, o que se passa no divã do analista, pode ser transportado para a praça, para o Ágora. SÓCRATES já curava seus pacientes dos males da ignorância há dois mil e quinhentos anos. O exame da fala, do "discurso" da sociedade, é fonte inesgotável de informações. Um dos benefícios da psicanálise foi o de revelar que todos nós estamos constantemente revelando o que se passa em nosso íntimo. Seja por atitudes exteriores, gestos, expressões, atos falhos, fobias, idiossincrasias. Pelo nosso modo de ser. O mesmo se passa com o meio em que vivemos. Este se revela pelas atitudes, pelas fantasias. Pela fantasia, se conhece o íntimo do ser humano. Assim como no processo psicanalítico, a análise dos sonhos do paciente, o ponto certo em se decifrar os conflitos, penetrando-se em seu universo íntimo, assim também analisando os sonhos, isto é, as fantasias da sociedade contemporânea, chegamos a interpretar algo da sua estrutura. Pelo imaginário dos povos, chegamos à compreensão de sua cultura. Jamais conheceremos a intimidade de qualquer comunidade com a análise de sua atividade exterior, pela sua pesquisa científica, pela suas propostas oficiais. Para chegarmos ao seu íntimo, o estudo da literatura é a estrada real. Pela literatura, ficamos conhecendo a alma dos povos. Por ela, podemos prever o seu comportamento político, pois a literatura é política em estado de graça. A literatura é o imaginário e o cerne

do real. Quando se estuda a literatura (poética e prosa) alemã, podemos prever algo desse povo apocalíptico, radical. Pelo estudo da literatura russa percebemos algo do drama atual desse povo místico, messiânico, vivendo situações limites jamais experienciadas por nenhum outro povo na história.

ERIC FROMM tratou da psicanálise da sociedade contemporânea, cujo título em inglês "*The sane society*", propõe uma sociedade sadia. FROMM estudou o aspecto central da patologia social contemporânea. Fruto do desvio dos modos tradicionais de produção, conseqüentemente de relações sociais, causado pela revolução industrial, ao final do século XVIII e todo o século XIX. Sem se mencionar a aventura colonial. As conseqüências foram terríveis, e assistimos hoje, ao início do século XXI, o fim de um ciclo iniciado há quinhentos anos. As atitudes contraditórias das celebrações dos quinhentos anos da história brasileira são eloqüentes e demonstram série de problemas não resolvidos, recalques, repressão ostensiva, recusa do Outro, fantasias de modernidade ocultando uma sociedade arcaica e repressiva.

A grande importância da obra de KARL MARX (1818-1883) reside em sua análise crítica da econômica clássica. Sua refutação de um sistema econômico monstruoso descrito e analisado nas páginas de "*O Capital*".

MARX oferece os pontos básicos para se diagnosticar o desvio de uma sociedade de suas fontes históricas.

FREUD nos dotou de instrumentos de análise para detectarmos, tanto na psicologia individual, quanto na psicologia social, os mecanismos desencadeadores de reações aparentemente incompreensíveis.

Todo o trabalho da antropologia cultural é dedicado à interpretação do significado oculto das várias culturas humanas: o que não é falado.

BERGSON, em "*As duas fontes da Moral e da Religião*" faz uma análise sobre a dinâmica da sociedade dita "primitiva" e a sociedade contemporânea. E nos esclarece. Seu grande problema foi o de detectar os mesmos impulsos nas duas sociedades, aliás, arbitrariamente classificadas em primitivas e civilizadas.

Suas perguntas são importantes. Como explicar a sobrevivência da religião? Como relacionar o imaginário com a racionalidade científica? Que se pense no esforço dos astrofísicos em explicarem a História da Criação do Universo, em texto que não seja um plágio do Livro do Gênesis, ou das velhas “lendas” caldicas e babilônias. A literatura científica atual é de leitura fascinante.

Reportemo-nos à elaboração de KARL G JUNG e seu trabalho em torno do tema do “inconsciente coletivo”. Todos haurimos nossas fantasias, sonhos, o imaginário coletivo das mesmas fontes, de um molde original.

Estudar a sociedade contemporânea deverá ser a leitura atenta de JUNG, FREUD, MARX, BERGSON, e outros pioneiros.

ERIC FROMM, o fértil autor e psicanalista suíço, em sua *Psicanálise da Sociedade contemporânea* (em inglês “*The sane society*”), estudou o aspecto central da patologia social contemporânea. O desvio da sociedade se deu pelo início da Revolução Industrial, o deságüe da aventura colonialista.

A leitura da filosofia.

“Não existe maior poder sobre outra pessoa do que o de obrigá-la a suportar o sofrimento sem ser capaz de defender-se.” (Eric Fromm)

A dificuldade de abordarmos os textos assim chamados de filosóficos reside em nossa fantasia de que a matéria tratada pelo filósofo distancia-se enormemente daquilo que corriqueiramente ocupa nosso interesse, nosso raciocínio. Nada mais falso. Tivéssemos a pachorra de ir nos adentrando na massa compacta dos títulos que se anunciam como sendo “introdução”, “prolegômenos”, descobriríamos aos poucos, maravilhados, que toda obra filosófica é uma resposta pessoal, original e fascinante aos enigmas enfrentados também em nossa vida medíocre, apagada, rotineira.

Veríamos que os fantasmas familiares, os medos conhecidos constituem a matéria das dissertações mais eruditas e difíceis.

O problema do Amor, da Morte, do conhecimento, da alegria, do triunfo. Tenta-

tivas de resposta às velhas perguntas, o que fazemos aqui? para onde vamos? de onde viemos? Estas as questões motivando as douradas dissertações filosóficas e constituindo a matéria prima de toda filosofia. Constituem, ainda, o enredo de uma prosa deliciosa de alguém tentando compreender o enigma da vida, o problema do ser, do destino e da dor.

Em breve, com um pouco de paciência, estaremos descobrindo no estudo da filosofia e sua história, o relato maravilhoso da experiência de se estar acordado.

Existe uma imensa bibliografia. Citemos algumas obras ao acaso:

- Trinh Xuan Thuan. *La mélodie secrète. Et l'homme créa l'univers*. Gallimard, 1991 e *Le chaos et l'harmonie La fabrication du réel*. Paris, Fayard, 1998;
- Paul Davies. *O quinto milagre Em busca da origem da vida*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000;
- Jean Guitton, Grichka et Igor Bogdanov. *Dieu et la Science*. Grasset, 1991;
- Bob Tobin e Fred Allan Wolf. *Espaço-Tempo e Além*;
- William Shore [organizador]. *Mistérios da Vida e do Universo*. Rio de Janeiro, Campus, 1994;
- Fritjof Capra. *A Teia da Vida*. São Paulo, Cultrix;
- Gary Zukav. *A Dança dos Mestres Wu Li – uma visão geral da nova Física*. São Paulo: Eco, 1989;
- Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa: Gradiva, 1990;

## RESUMO

O autor apresenta-nos a análise da sociedade contemporânea, sob diferentes prismas, especialmente filosófico, econômico, psicanalítico e antropológico.

Passa ao crivo de sua apreciação a obra de Freud, detendo-se no destaque do sexo, poder, repressão e regressão. Aprofunda-se na importância da palavra em todas as formas de conhecimento e de comportamento. Considera a descoberta da “psiquê humana” como um “novo continente” que a ciência materialista do Século XIX teimou em ignorar. Considera a sociedade após o Holocausto e a bomba atômica para atingir as consequências da consciência individual à coletiva. Termina com a recomendação da leitura da filosofia diante da dificuldade de abordar-lhe os textos em decorrência da “fantasia de que a matéria tratada pelo filósofo distancia-se do nosso raciocínio cotidiano”.

## **ABSTRACT**

The author presents us the analysis of the contemporary society, under different prisms, especially philosophical, economic, psychoanalytic and anthropologic.

Then he analyses Freud's work, lingering himself in the prominence of sex, power, repression and regression. He plunges into the importance of the word in all the behavior and knowledge forms. He considers the discovery of the “human psyche” as a “new continent” which the materialistic science of the XIX<sup>th</sup> Century insisted in ignoring. He takes into account the society after the Holocaust and the atomic bomb to reach the consequences of the individual conscience to the collective one. He finishes recommending the reading of the philosophy, given the difficulty to approach its texts, a result of the illusion that the substance treated by the philosopher is far away from our daily reasoning.